



RESENHA CRÍTICA

ISSN: 1517-7238

Vol. II nº 20

1º Sem. 2010

p. 243-248

**MACHADO DE ASSIS:  
O LEITOR, O CRÍTICO  
E O ESPECTADOR DE  
TEATRO**

TELES, Adriana da Costa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria da Literatura pela Unesp/Ibilce de São José do Rio Preto. Docente de Teoria da Literatura na Unilago (São José do Rio Preto/SP) e na Faimi (Mirassol/SP). E-mail: driteles@ig.com.br.

Em mais de cinquenta anos de carreira, Machado de Assis produziu um vasto e variado conjunto de textos, que vão de obras poéticas, dramas, romances e contos a crônicas e ensaios críticos e teóricos, produção que ainda surpreende, pelo caráter abrangente e rico, os estudiosos que se dedicam ao escritor. O livro de João Roberto Faria, *Machado de Assis: do teatro*, publicado pela editora Perspectiva em 2008, evidencia uma dessas facetas do escritor carioca: a de crítico teatral.

Abrangendo textos desde as primeiras tentativas do jovem Machado de Assis em discutir o teatro brasileiro, quando ainda contava dezessete anos, até seus últimos escritos que davam conta do drama, já nos últimos anos da carreira do escritor, o livro de Faria é composto por dois momentos. No primeiro, oferece um ensaio repleto de informações e considerações críticas sobre a relação de Machado com o teatro de sua época. Intitulada “Machado de Assis e o teatro de seu tempo”, essa seção da obra é, segundo Faria, revista e ampliada a partir de um artigo escrito para a revista *Estudos Avançados*, editada pela Universidade de São Paulo, e publicado em 2003. No segundo, “Textos críticos e Escritos diversos”, que constitui a parte mais extensa do livro, Faria oferece uma reunião dos artigos e crônicas que Machado publicou sobre o teatro ao longo de sua vida. Faria justifica a seleção de textos, afirmando: “Como precisei fazer uma trabalhosa pesquisa para localizar e coletar textos críticos, crônicas e pareceres [...], pensei que seria interessante organizar um volume, com todos os escritos que consultei” (FARIA, 2008, p. 15).

É importante observar que, além de trazer artigos que não se encontravam em edições anteriores da obra de Machado, todos os textos apresentados nessa obra são versões originais, afinal, como afirma o pesquisador, “Não haveria nenhum mérito neste livro se reproduzisse os equívocos, as adulterações e os descuidos das edições que estão disponíveis no mercado” (FARIA, 2008, p. 16).

No ensaio que compõe a primeira parte de *Machado de Assis: do teatro*, João Roberto reflete sobre o envolvimento

do escritor brasileiro com questões do drama, em um percurso que abrange desde o jovem cronista – dotado de forte impetuosidade juvenil de intenso sentimento nacionalista – até o escritor que se decepciona com os rumos do teatro brasileiro, já nos últimos anos de carreira.

O jovem crítico nos é apresentado por Faria – nas primeiras incursões que realizou sobre o teatro, no periódico *O Espelho*, no qual o escritor teve uma coluna semanal – como alguém que acredita na força da literatura dramática como meio de transformação social. Trata-se de um crítico militante, nos dizeres do ensaísta, que não apenas confia na força do teatro como meio de educação, mas que parece acreditar também na força de seu próprio discurso como elemento transformador da pobre realidade pela qual passava o teatro brasileiro. Ao comentar o segundo artigo crítico publicado por Machado no periódico, “Ideias sobre o teatro”, em 02 de outubro de 1859, Faria afirma: “O tom enfático do artigo revela o jovem que acredita nas instituições e no poder transformador ou mesmo revolucionário da palavra, quando empregada convenientemente” (FARIA, 2008, p. 35). O poder transformador do drama, declarava Machado, estaria na escola realista de teatro, proveniente da França e praticada por algumas companhias dramáticas cariocas, a qual se mostrava bastante simpático em seus textos.

A experiência em *O Espelho* foi, segundo o pesquisador, importante para o passo seguinte de Machado enquanto crítico teatral: o ingresso no *Diário do Rio de Janeiro*, onde foi responsável pela *Revista Dramática*. Apesar de as várias atribuições de Machado no referido jornal, ao que parece, terem impossibilitado o jornalista de escrever um volume numeroso de textos sobre o teatro, essa fase do escritor aponta para um amadurecimento do crítico, que recua das posições mais radicalizadas e mostra-se mais maleável em seu posicionamento intelectual com relação ao teatro. Segundo Faria, Machado “mostra um certo recuo em relação à militância anterior e uma ênfase nos aspectos éticos da atividade crítica” (FARIA, 2008, p. 51). Para o ensaísta, é visível a posição

conciliadora em relação às escolas literárias.

Essa maior maleabilidade de Machado com relação aos primeiros posicionamentos sobre o teatro aparece enfatizada pelo ensaísta quando chama a atenção para os três textos escritos pelo autor, logo depois de deixar de escrever o folheto semanal do *Diário do Rio de Janeiro*: um sobre *Os primeiros amores de Bocage*, de Mendes Leal Junior; os outros dois, a propósito de *Suplício de uma mulher*, de Dumas Filho e Émile Girardin. Neles, segundo nos afirma Faria, Machado amplia o conceito de moralidade que valorizava nas peças francesas e que, até aquele momento, defendeu.

Tais considerações críticas parecem chamar a atenção para mudanças conceituais importantes por parte de Machado. Segundo o ensaísta: “a comédia realista não fica incólume ao novo olhar de Machado” (FARIA, 2008, p. 76), o que deixa o leitor perceber a transformação do ponto de vista crítico do cronista com relação aos primeiros anos de carreira. Semelhante abordagem dos artigos de Machado reforça o valor do ensaio de Faria, que realiza importantes reflexões sobre a trajetória de um crítico atento e aberto a novas ideias e conceitos.

A relação de Machado com o teatro aparece acelerada no ensaio do pesquisador nos anos que seguem a partir de 1871, o que se justifica por uma espécie de crescente decepção de Machado para com o teatro brasileiro daquele momento: “Machado reafirma o seu descontentamento em várias oportunidades, ao longo da década de 1870” (FARIA, 2008, p. 91), afirma Faria nas páginas finais de seu texto. Dessa forma, a atenção do escritor parece desviada do teatro, que passa a ocupar um espaço mais lateral em suas considerações críticas.

Um dos aspectos importantes destacados pelo pesquisador diz respeito às influências que essa vivência de Machado enquanto crítico teatral teria operado em sua produção crítica e ficcional. Sobre isso, chamamos a atenção para as considerações que o ensaísta tece sobre as crônicas de Machado, que dão conta da presença de três grandes atores

trágicos italianos no Rio de Janeiro no período que vai de 1869 a 1871: Adelaide Ristori, Ernesto Rossi e Tommaso Salvini. Faria, ao comentar tais crônicas, sugere a importância que o testemunho da atuação dos italianos teve para Machado de Assis. Segundo o ensaísta, “o estilo elevado de interpretação da tragédia concretizou-se diante dos olhos de Machado (...). Para o escritor foi uma experiência estética única, na qual o teatro mostrou-se como uma arte que também atinge o sublime” (FARIA, 2008, p. 83). O estudo das crônicas de Machado desse período leva Faria a lançar uma hipótese polêmica: “O *Otelo* que Bentinho vê no teatro, pelos olhos de Machado, é o de Ernesto Rossi” (FARIA, 2008, p. 89). Independentemente de o *Otelo* de *Dom Casmurro* ser ou não o do ator italiano, a que Machado teria assistido, o que interessa assinalar é que o texto de Faria expõe posições que levam o leitor a refletir sobre a presença e/ou influência dos palcos cariocas na produção ficcional de Machado, o que agrega a seu texto mais um aspecto de importância.

Pode-se dizer que, para os estudiosos de Machado interessados na relação do escritor com o teatro, o livro de Faria faz-se interessante por esse percurso crítico agudo e detalhado sobre a trajetória do escritor carioca na condição de cronista teatral. Faria nos mostra que, apesar de a produção de Machado como cronista ligado ao gênero dramático ter se tornado menos intensa ao longo do tempo, ela foi de primordial importância para o escritor. O ensaísta nos lembra que, em 1892, Machado começa a série de crônicas *A Semana*, e durante cinco anos se dedica a escrever sobre a vida política e social do país e “não há muito espaço para o teatro nesse seu mais importante conjunto de crônicas, embora não falem citações de autores como Shakespeare e Molière para ilustrar alguma matéria de que trata” (FARIA, 2008, p. 99).

A leitura do livro é, além disso, um interessante exercício. O leitor, ao mesmo tempo em que toma contato com as profícuas considerações do ensaísta, tem a oportunidade de manter contato direto e pronto com os textos citados e analisados pelo pesquisador, debatendo ele também com as

ideias do autor.

Dessa forma, o livro de Faria *Machado de Assis: do teatro* torna-se bastante recomendável para aqueles que se interessam em conhecer de forma um pouco mais próxima essa relação de Machado de Assis com os palcos cariocas de seu tempo e as possíveis influências que teria tido a partir dessa experiência.

### REFERÊNCIA DA OBRA

FARIA, João Roberto (Org.). *Machado de Assis: do teatro. Textos críticos e escritos diversos*. São Paulo: Perspectiva, 2008. 679 p. (Coleção Textos, 23).

Recebido em: 02/05/2010.

Aprovado em: 14/06/2010.